

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: INGLÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
INGLESA

MARIA FERNANDA REMIRO BONATELLI

ENVELHECIMENTO E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA COMO
LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE TESES E
DISSERTAÇÕES (2013 - 2023)

UBERLÂNDIA
2024

MARIA FERNANDA REMIRO BONATELLI

ENVELHECIMENTO E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA COMO
LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE TESES E
DISSERTAÇÕES (2013 - 2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras e Linguística - ILEEL da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Licenciada em Letras - Inglês e Literaturas de
Língua Inglesa.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Rafaela
Batista Silva Peixoto

UBERLÂNDIA
2024

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos dedicando à pessoa que não pôde estar fisicamente aqui, mas que sinto, com toda a saudade e todo o sangue dela que carrego, o orgulho e amor que recaem sobre mim. Dedico com carinho meus agradecimentos iniciais à minha avó, que com tanto orgulho, com o peito cheio dele, dizia aos dez cantos do mundo e a quem passasse no caminho, que sua neta cursava Letras em uma Universidade Federal. À ela, pessoa boa como era, levando uma estrela no peito, dedico esse agradecimento.

Não posso deixar de dedicar esses agradecimentos aos meus pais, responsáveis por tudo que sempre fui e sou. À minha mãe, bondosa, amorosa, dedicada, minha alma gêmea. Ao meu pai, resiliente, atencioso, esforçado, meu companheiro. Agradeço a eles toda a herança que recebi, e não me refiro a dinheiro. Em mim, carrego um pedaço do que vocês são, e assim, me torno eu. E vocês. Obrigado por tudo e por tanto. Vocês são minha vida e muito mais.

Trago aos meus agradecimentos, também, meus irmãos: Circe, José e Ana. Exemplos. Agradeço por todo o carinho e toda a atenção em toda a minha vida. Por todo o cuidado e por estarem lá. Espero um dia ser uma parcela do que vocês significam para mim. Gigantes. De alma. E coração.

Agradeço ao meu avô toda a fé em mim. Ele, responsável por acreditar no meu potencial, no meu futuro, investiu em meu curso de inglês, e aqui estou, vô, fazendo jus a toda essa fé. Obrigado por tanto.

Aos meus tios e primos, não podendo citar um por um, pois a lista seria imensa, relembro alguns nomes para que não passe em branco. À Tia Valéria e Tio Paulo, minha segunda casa.

À Gabi e Vinicius, exemplo de esforço e dedicação, agradeço por todo o carinho e exemplo que me proporcionaram em toda a minha vida. À Ana Helena, agradeço por ser minha metade, por simplesmente estar lá, sempre. Obrigado a vocês.

Aos meus parceiros que não são de sangue, não poderia deixá-los escapar da memória. À Verena, minha parceira de sempre, desde o início do que seria minha nova história, você esteve lá, obrigada. Ao meu companheiro querido, Heitor, não tenho palavras para agradecer tanto. Obrigada por ser você, e simplesmente estar aqui quando tudo ficou pesado demais para aguentar. Sem dificuldades. Sem dúvidas. Apenas com o coração. Às minhas grandes amigas de Barretos dedico um pedaço dos meus agradecimentos, vocês fizeram a trajetória até aqui muito mais prazerosa, e muito bem-sucedida. E, também, ao meu grupo de amigos, ‘Paragons’,

dedico meu coração em forma de agradecimento, por transformar minha vida para bem mais leve.

Aos meus parceiros acadêmicos, à minha querida orientadora Mariana, grande mente e peça essencial nesta trajetória, e à capacitada e incrível banca, professoras Carlas Tavares e Giulia Gambassi, dedico o meu maior obrigada! A todos os que estão aqui, e aos que não couberam nesta dedicatória, agradeço e dedico a vocês todo o meu carinho e toda a minha gratidão.

*Sou um pouco de todos que conheci, um pouco dos lugares que fui,
um pouco das saudades que deixei e sou muito das coisas que gostei.*

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Este estudo objetivou discutir as representações de velhice e língua(gem) partindo de uma análise discursiva bibliográfica no campo de pesquisa sobre ensino-aprendizagem de inglês para a terceira idade. Tomando como norte as lentes da Análise do Discurso (Pêcheux, 1990; Orlandi, 1997, 2005), esta pesquisa mapeou tais representações presentes em teses e dissertações de mestrado e doutorado, buscando por padrões nos enunciados apresentados nas introduções e conclusões dos trabalhos. Visando à composição deste *corpus*, foram levantados dez estudos defendidos na área de Educação, Linguística, Linguística Aplicada e Letras, que abordam o processo de ensino-aprendizagem de inglês para idosos, durante o período de 2013 a 2023. A partir da análise da materialidade linguística, os resultados indicam regularidades que corroboram para uma representação que posiciona o idoso em um lugar de vulnerabilidade e inservibilidade. Além disso, também observou-se a forma pela qual o termo “envelhescente” afeta o discurso sobre as representações de velhice e posição do indivíduo idoso perante sociedade. Ao final da análise, também foi observado a maneira pela qual o contexto estudado posiciona um discurso o qual afeta as representações de língua(gem) dentro dos trabalhos observados. Tais investigações se tornam relevantes quando buscamos compreender o meio pelo qual o discurso que envolve a velhice e suas representações emergem das discursividades presentes em pesquisas de âmbito nacional e a possibilidade de surgimento de novas proposições a serem investigadas nessa esfera de investigação.

Palavras-Chave: envelhecimento; análise do discurso; representações de língua(gem).

ABSTRACT

The target of this research focused on comprehend the representations of aging and language through a bibliographic discourse analysis within the field of English language teaching and learning for the elderly. Anchored by the Discourse Analysis theoretical methodology (Pêcheux, 1990; Orlandi, 1997, 2005), this research examined the prevalent discourses in masters and doctor thesis, identifying patterns in statements found in the introductions and conclusions of these works. In order to construct this *corpus*, ten studies from the fields of Education, Linguistics, Applied Linguistics, and Language Studies, focusing on the English learning process for seniors, defended between 2013 and 2023, were mapped. Based on the observations, the results reveal some regular patterns that support a social discourse that positions the elderly group in a place of vulnerability and dispensability. Moreover, it was observed the ways in which the term “envelhescente” affects the discourse that supports the representations of aging and the societal positioning of elderly individuals. Upon completing the analysis, the analyzed data lead to conclusions on how contexts frames a discourse that affects representations of language within the examined works. These investigations are significant as they contribute to an understanding of how discourses surrounding aging and its representations are addressed in national research, suggesting potential new avenues for exploration within this research domain.

Key-words: aging; discourse analysis; English language teaching-learning

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1. ENVELHECIMENTO E VELHICE	10
2.2. ANÁLISE DO DISCURSO	14
3. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	16
3.1. REPRESENTAÇÕES DE VELHICE	22
3.1.1. DISPERSÃO: ENVELHESCÊNCIA	28
3.2. REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA(GEM)	32
4. CONCLUSÃO	34
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, houve uma baixa no número de pessoas com menos de 30 anos, e um aumento de 6% na proporção de pessoas acima de 30 anos, representando 56,1% da população brasileira. Além disso, as análises demonstram que, em um período de quase 10 anos (2012 a 2021), a parcela de pessoas com 60 anos ou mais passou de 11,3% para 14,7%. Observando esses dados, é possível prever um crescimento exponencial da população brasileira que integrará o grupo de pessoas idosas, prognosticando o futuro do país, que, no ano de 2030 será caracterizada como a quinta população mais idosa do mundo.

Tendo em vista essas previsões e observando a significativa presença de alunos idosos em minhas salas de aula de língua inglesa, surgiu o interesse em aprofundar meus conhecimentos sobre o tema. No contexto da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a motivação para esta pesquisa originou-se das minhas vivências como licencianda do curso de Letras Inglês, no âmbito do Programa de Formação Docente promovido pela Central de Línguas (CELIN) do Instituto de Letras e Linguística. O Programa oferece estágios não obrigatórios supervisionados, permitindo que licenciandos em cursos de Letras com habilitações em línguas estrangeiras desenvolvam experiência docente em cursos livres de idiomas ofertados pela CELIN. Dada a expressiva quantidade de alunos com mais de 55 anos participando dos cursos que ministro, cresceu o meu interesse em investigar as possibilidades e os desafios do processo de ensino-aprendizagem voltado para esse público. Foi, então, que decidi estabelecer como recorte deste estudo a relação entre envelhecimento e ensino-aprendizagem de língua inglesa.

Como objetivo geral, esta pesquisa busca contribuir para as discussões e estudos sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para pessoas idosas na área da Linguística Aplicada, utilizando das observação dos efeitos de sentidos percebidos dentro dos discursos presentes em produções acadêmicas. De forma mais específica, buscamos: i) realizar um levantamento das teses e dissertações defendidas nos últimos dez anos sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para pessoas idosas; ii) mapear as representações de envelhecimento em pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para pessoas idosas; e iii) problematizar as representações de língua inglesa em pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para pessoas idosas.

Além dos objetivos gerais e específicos, foram delimitadas três perguntas orientadoras para essa pesquisa, quais sejam: 1) Quantas teses e dissertações sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para pessoas idosas foram defendidas no Brasil nos últimos dez anos? Em que regiões e tipos de instituições de ensino superior foram realizadas?; 2) De que forma o envelhecimento vem sendo representado em pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para pessoas idosas?; e 3) Quais são as representações de língua inglesa em pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa para pessoas idosas?. Apoiadas nessas perguntas, desenvolvemos este estudo baseadas na abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso Franco-brasileira.

O *corpus* deste estudo constituiu-se de teses e dissertações defendidas em instituições de ensino superior brasileiras durante o período de 2003 a 2023. Após a composição do *corpus* por meio do levantamento desses trabalhos de pós-graduação, análises linguístico-discursivas foram desenvolvidas a fim de responder nossas perguntas de pesquisa. A análise procurou vislumbrar tantos os efeitos de sentido da/na superfície linguística, quanto o silêncio, que também é responsável por (d)enunciar efeitos de sentido; ou seja,

o silêncio é sempre significante, seja ele efeito de um não-dito, de uma censura [...] ou de um apagamento de outros sentidos, uma vez que uma palavra ocupa o espaço necessariamente de outras que não foram ditas e, por isso, emergem desse "silêncio" outras possibilidades de sentido que se tenta conter” (Orlandi, 1992 *apud* Andrade, 2016, p. 70).

Portanto, investigamos também os efeitos do não-dito. À vista disso, este trabalho está estruturado em quatro seções principais: a *Introdução*, previamente apresentada; o *Referencial Teórico*, subdividido em duas partes, que apresentam estudos sobre envelhecimento e velhice e noções da Análise do Discurso que serão mobilizados ao longo da análise do corpus; os *Procedimentos Teórico-Metodológicos*, onde o desenvolvimento da pesquisa é apresentado; e, por fim, a *Conclusão*, que reflete sobre os resultados obtidos e as compreensões derivadas da análise.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Envelhecimento e velhice

Tomando como ponto de partida em nossos estudos, trazemos à luz das reflexões dessa pesquisa a citação de Beauvoir (1970, p. 7), cuja autora explica sobre como a sociedade “não encara a velhice como uma fase da idade nitidamente marcada.”, ou seja, o início da velhice é mal delimitado, e nota-se variando de acordo com o espaço e o tempo. Partindo dessa noção do que seria determinante para a constituição do “ser velho”, conectamos tais pensamentos com os de Oliveira *et. al.* (2006, p. 352), que destacam que o processo de envelhecimento “inicia-se imediatamente após a fecundação, visto que muitas células envelhecem, morrem e são substituídas antes mesmo de nascer”. Desse modo, o processo de envelhecimento configura-se como algo inerente ao ser; ao viver. Para que a evolução aconteça, é necessário que o envelhecimento das células ocorra, que haja uma maturação, para que assim ocorra a consumação do viver. Sendo esse um processo natural de qualquer ser que é constituído de vida, um questionamento irrompe: qual o motivo de tanto estranhamento e repulsa em relação ao envelhecer, e em relação ao que se qualifica como velho?

A partir desse questionamento, alguns estudos surgem para ampliar as concepções da velhice partindo de diferentes perspectivas. Derivando de um ponto de vista histórico, utilizaremos os estudos de Silva (2008) para explicitar as diversas formas pelas quais as concepções sobre velhice foram se concretizando ao longo do tempo. É importante ressaltar que o conceito de velhice surge a partir do século XIX, com o início da I Revolução Industrial, pois, anteriormente a esse período, as sociedades pré-industriais não possuíam uma separação nítida ou especializações funcionais determinadas por idades (Hareven, 1995 *apud* Silva, 2008). Devido a esse aspecto, a noção de velhice tem sua origem dada a necessidade de diferenciação entre funções, hábitos e espaços de cada grupo etário, assim os separando e distinguindo. Essa noção de velhice é reforçada pelo surgimento das concepções de infância e adolescência, demarcando os períodos pontuais da vida do indivíduo.

Ao longo do século XX, observa-se a estabilização das categorias etárias, acompanhada pelo surgimento de novos ritos de passagem, como o ingresso na escola, na universidade e a conquista da aposentadoria. A aposentadoria, em particular, foi criada em conjunto com o desenvolvimento de novos saberes médicos, que viam o corpo envelhecido como algo decadente e sem utilidade. Com essa visão, os trabalhadores começaram a questionar como seria tratado o funcionário que se tornasse incapaz de trabalhar e garantir o próprio sustento –

reforçando, assim, a ideia de invalidez e incapacidade. Desse questionamento, surgiu a “pensão”, que, mais tarde, evoluiu para o conceito de aposentadoria, proporcionando um valor ao trabalhador considerado “inválido”, mas também perpetuando uma visão limitada sobre o idoso (Silva, 2008). A pensão, portanto, reflete os ideais capitalistas da época, uma vez que, como afirmam Tavares e Menezes (2020, p. 23), “a ênfase no mercado e na demanda por produção instaurada na modernidade, acentuada na pós-modernidade, associa o processo de envelhecimento e, consequentemente, o idoso à improdutividade.”

Além da pensão, outro fator histórico que contribuiu para a concepção e os preconceitos sobre a velhice foi o próprio desenvolvimento da medicina. Silva (2008) afirma que, com os avanços da medicina moderna, iniciaram-se estudos sobre a velhice, tratando-a como um problema clínico, em que a morte seria seu desfecho inevitável, e considerando que a partir da velhice o corpo começa a se degenerar. A partir desse momento, tais concepções médicas passaram a ter influência social, moldando as representações sobre a experiência do envelhecimento. Foi nesse contexto que surgiu a instituição geriátrica, voltada para o cuidado dos idosos, mas sob uma perspectiva patológica, em que a velhice era encarada como uma doença inerente ao ser humano. Além disso, a autora destaca que a medicina também desempenhou um papel fundamental ao fortalecer os discursos do Estado, contribuir para o surgimento de políticas assistenciais e fomentar o desenvolvimento de disciplinas como a gerontologia, disseminando suas concepções no imaginário social.

Com o surgimento desses novos aspectos, a velhice foi estabelecida como uma categoria social, proporcionando direitos específicos aos indivíduos constituintes desse grupo (Silva, 2008). A autora explica que embora a velhice ainda fosse vista sob a ótica da invalidez, esse processo resultou em um período no qual a categoria adquiriu maior relevância social e passou por um crescimento considerável. Derivando dessa importância, temos o surgimento de espaços legais de cuidados destinados à velhice, com a reformulação do espaço hospitalar e a seguridade social. Seguindo esses acontecimentos, surge essa nova disciplina médica chamada gerontologia, voltada para a velhice, mas, ao contrário da geriatria, observa-se o fenômeno por uma lente social. Seus estudos se iniciam por volta de 1960/1970, auxiliando no processo de ressignificação da velhice, trazendo à luz das discussões aspectos sociais e humanos sobre a velhice e institucionalizando-a como uma questão social a ser debatida por uma perspectiva humanizada, e não patológica.

Devido ao aumento populacional do grupo de pessoas idosas, e a expectativa do aumento de gastos nas sociedades em virtude dessa crescente, houve uma reação que buscava trazer para discussão o incentivo ao envelhecimento saudável, ativo e produtivo (Neri, 2013).

Buscando confrontar os problemas até então característicos da velhice, novas instituições começam a surgir para proporcionar esse envelhecimento saudável, gerando um novo termo para a velhice: terceira idade. A partir desse momento, uma nova visão sobre a velhice emerge, expondo os pontos positivos de uma velhice saudável, caracterizado pela produtividade e tempo livre.

Considerando essas novas visões e concepções sobre velhice, voltamos nosso olhar sobre o que concerne ao panorama atual em que o Brasil está inserido. A autora Neri (2013) auxilia na compreensão dos processos da modernidade, esta que vem contribuindo para a segregação entre idoso e sociedade. Elencado em alguns fatores, temos elementos como o avanço tecnológico e o investimento seletivo. Com o crescente aumento na adoção de novas tecnologias, inicia-se um movimento de desvalorização do conhecimento possuído pelas pessoas idosas, sendo, até mesmo, visto como obsoleto. Já em relação ao investimento seletivo, notamos a influência do capitalismo na segregação entre juventude e velhice, pois, como a sociedade não consegue investir igualmente em ambos os grupos, tende a investir em instituições voltadas aos jovens, considerando o tempo de produção futuro destes. A autora explica que todos esses fatores influenciam o ‘status’ do idoso, o que pode ser associado ao conceito de "representação", conforme apresentado por Andrade (2016, p. 59), que descreve a representação como a maneira pela qual

a identidade estaria, portanto, articulada à construção de uma imagem social, disseminada por meio de discursos. Essa imagem está condicionada aos significados compartilhados socialmente por meio dos sistemas simbólicos aos quais o sujeito pertence enquanto ser da linguagem. A essas imagens chamamos representações

Isto posto, podemos observar como as representações de velhice na sociedade afetam no que seria o *status* do idoso, em sua influência e nas relações de poder em jogo. Fundamentados nessa ideia de representação, alguns termos e diferentes sentidos surgem quando tratamos sobre a velhice. O termo “velho” está diretamente atrelado à velhice, tendo seu significado no dicionário como “que tem muito tempo de vida ou de existência; antigo; obsoleto” (Mini Aurélio, 2004, p. 810). Entretanto, quando observamos as representações sobre a velhice, notamos que o termo carrega em si uma associação a sinais de decadência física e incapacidade produtiva (Silva, 2008). Apenas muito recentemente observa-se o surgimento de um novo termo para tratar sobre indivíduos velhos: “idoso”. Com intuito de fugir de estereótipos pré-concebidos, o termo começa a ser popularizado, mas é possível observar nuances entre as representações sobre o “ser velho” e o “ser idoso”. Em contraste ao sujeito “velho”, o termo idoso é designado a diferentes classes sociais, como média e alta, garantindo

em seu discurso um tom de respeito, enquanto o termo “velho” “reforça a ideia de incapacidade e de inutilidade para o trabalho, excluindo, portanto, socialmente, a pessoa com idade avançada e de classe baixa” (Oliveira, 2010, p. 27 *apud* Tavares; Menezes, 2020, p. 23).

Com o surgimento dessa nova noção de velhice como terceira idade, e o emprego do termo idoso, nota-se um aumento na atenção e investimento direcionados para essa classe social, como universidades voltadas para a terceira idade, cursos de extensão, etc. Pensando sobre os processos de aprendizagem para idosos, novos preconceitos emergem. No contexto do ensino-aprendizagem de línguas, por exemplo, persiste a ideia de uma idade limite para o aprendizado, conhecida como ‘período crítico’, apesar de ter sido refutada por diversos estudos. Segundo essa teoria, a infância seria a fase ideal para aprender línguas, o que acaba por excluir, em certa medida, a possibilidade de inserção de pessoas idosas nesse processo de aprendizagem (Pizzolatto, 2008). Devido aos estudos da medicina, observa-se um padrão em relação a algumas patologias notadas durante a velhice, podendo ter algumas perdas cognitivas,

essa perda pode afetar o tempo de reação e a capacidade de atenção; no entanto a pequena perda de células cerebrais pode não interferir na capacidade de aprendizado dos idosos, devido ao fato de indivíduos mais velhos usarem estratégias diferentes daquelas usadas por adultos jovens para a resolução de problemas (Whitbourne; Whitbourne, 2014 *apud* Viana, 2020, p. 35).

Nesse sentido, entendemos que o processo de aprendizagem para idosos será sempre individual e singular, pois a velhice é um processo que não se dá de forma igualitária a todos os indivíduos. Assim como em outras etapas da vida, esse processo varia conforme fatores externos, como classe social, gênero, etnia, entre outros (Cândido Júnior; et al. 2020, p. 60 *apud* Lobato, 2004). Portanto, é bastante limitado considerar que a idade, por si só, seria um fator suficiente para impedir o desenvolvimento cognitivo de uma pessoa.

2.2. Análise do Discurso

Neste trabalho, utilizamos a Análise do Discurso (AD) de linha franco-francesa como abordagem teórico-metodológica, fundamentando-nos especialmente nas leituras das proposições de Michel Pêcheux realizadas pela linguista Eni Orlandi (1999). Dado que as noções de discurso e sujeito são centrais para o processo investigativo de nossa pesquisa, dedicamos esta seção a apresentar e discutir os conceitos que fundamentam a Análise do Discurso.

De forma a introduzir a proposta da AD, devemos entender que a análise do discurso não trabalha a língua como um sistema de regras, mas a língua no mundo e seus possíveis efeitos de sentido, variando de acordo com sujeito, espaço e tempo (Orlandi, 1999). Como objetivo fundamental, a análise do discurso busca entender as formas pelas quais os sentidos produzidos pelo discurso podem ser desnaturalizados, evidenciando as posições histórico-sociais e as relações de poder, e analisando como essas questões se materializam na e pela língua(gem) (Orlandi, 1999). Em suas investigações, Orlandi (1999) explicita que a AD articula três áreas do conhecimento: a linguística, o marxismo e a psicanálise, integrando a teoria da sintaxe e enunciação, a teoria da ideologia e a teoria do discurso, todas trabalhadas a partir de uma concepção de sujeito fundamentada em princípios psicanalíticos. Desse modo, torna-se relevante compreender como esse campo considera o que seria a concepção de língua, discurso e sujeito.

Como dito anteriormente, a AD não compreende a língua(gem) como um sistema abstrato de signos, mas sim como um elemento no mundo, sendo esta variável. Observando por uma perspectiva discursiva, a língua(gem) só faz sentido pois está inscrita na história (Orlandi, 1999). Torna-se importante também compreender que a língua(gem) possui certa opacidade, ou seja, não possui sentido transparente; sentidos não são “dados”, portanto, os efeitos de sentido são construídos partindo de relação discursiva; há uma certa equivocidade na língua(gem) que impede que tenha sentido absoluto, pois varia de acordo com sujeito e interpretação (Andrade, 2016). O que é central para a Análise do Discurso são os efeitos de sentido, sendo impossível alcançar uma origem fixa do dizer. Dito de outro modo, a língua(gem) produz efeitos de sentido que podem ser interpretados de diferentes maneiras, doravante da dependência das condições de produção dos dizeres, das posições discursivas de onde são enunciados, do atravessamento histórico-ideológico e, ainda, do atravessamento da subjetividade.

Já quando dialogamos sobre as concepções de discurso para a AD, o discurso é compreendido como palavra em movimento; seria a palavra em uso por sujeitos (Orlandi, 1999). O discurso para a AD, então, é entendido como um efeito de sentido entre locutores, que podem significar de formas diferentes de acordo com esse sujeito discursivo. Diferente da concepção de outras áreas, a AD não compreende discurso como mensagem realizada transmitida por emissor para receptor, nem como texto ou fala.

Ademais, é de extrema importância compreender a diferença entre língua e discurso, sendo o primeiro a condição em que o discurso é possível e se materializa, já o segundo se difere da língua, pois carrega em si questões como sociedade, historicidade, subjetividade e

ideologia, possuindo em si particularidades e padrões (Orlandi, 1999, p. 16). Compreendendo que dentro de uma análise do discurso é importante que o(a) analista observe o discurso não como mensagens a serem decodificadas, mas sim como gestos de interpretação de efeitos de sentido; ou seja, busca-se por pistas que indiquem sentidos sobre o que é dito, e também sobre o que não é dito. Tal busca constitui dois aspectos a serem percebidos dentro do discurso: o interdiscurso e o intradiscurso.

O interdiscurso seria o que chamamos de memória discursiva, aquela responsável pelo saber discursivo, “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi, 1999, p. 31). Já o intradiscurso seria o momento do dizer, aquilo que se diz em determinado momento e determinadas condições. De forma a aclarar essa ideia, Orlandi (Courtine, 1984 *apud* Orlandi, 1999, p. 33) utiliza das falas de Courtine (1984) para diferenciar intra e interdiscurso, ou seja,

o que estamos chamando de interdiscurso — representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos — e esquecidos — em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal — o intradiscurso — que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

Para complementar tais explicações, deve-se compreender como o sujeito é entendido dentro da AD. De acordo com Orlandi (1999, p. 20), o sujeito, para a análise do discurso, não possui controle sobre o modo como o discurso afeta o “real da língua e o real da história”. Portanto, toma-se o sujeito discursivo como descentrado, funcionando por uma inconsciência e pela ideologia. Compreendendo que os discursos estão submetidos a normas socialmente compartilhadas, o sujeito utiliza de seus espaços histórico-sociais, suas relações de poder e formações ideológicas para produzir discursos. À vista disso, entendemos que, para a AD, a ideologia seria a condição responsável pela constituição do sujeito e dos sentidos, tendo em vista que, diante de qualquer objeto simbólico, o ser humano é levado a interpretar e buscar sentido naquilo sendo impossível o discurso ser constituído com a falta da ideologia (Orlandi, 1999).

Compreendendo os aspectos apresentados anteriormente, é possível visualizar as formas pela qual os procedimentos teórico-metodológicos dessa pesquisa foram conduzidos. De forma a fazer um movimento de deslocamento do intradiscurso para o interdiscurso, nossa investigação buscou observar recorrências e dispersões nos trabalhos pesquisados, buscando por efeitos de sentido possíveis de acordo com contexto histórico-social e nas relações de poder

do discurso, que pudessem esclarecer quais recorrências de representação sobre velhice e língua estão presentes em nosso *corpus*.

3. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com base nos conceitos discutidos na seção anterior, podemos agora avançar para a presente seção, na qual detalharemos os procedimentos metodológicos adotados ao longo de nossa investigação. Como etapa inicial, delimitamos o conjunto de trabalhos a serem analisados e definimos o banco de dados a ser utilizado. Com base nisso, o *corpus* deste estudo constituiu-se de teses e dissertações de mestrado e doutorado disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Sobre as áreas a serem observadas, delineamos a análise somente as áreas da Letras, Linguística, Linguística Aplicada, Estudos da Linguagem e Educação. Estudos no campo da medicina, odontologia, gerontologia, psicologia, etc. não foram considerados para que fosse possível delinear nossas investigações ao campo de estudo dessa pesquisa.

Dentro da ferramenta online disponibilizada pela CAPES, os seguintes termos foram utilizados para a busca dos trabalhos que comporiam o nosso *corpus*: ensino inglês idosos; aprendizagem inglês idoso; inglês idoso; aprendizagem inglês terceira idade; ensino inglês terceira idade; ensino-aprendizagem inglês terceira idade. Com base nesses termos, foram encontradas vinte-duas (22) pesquisas em nosso campo de observação. Após seleção e download dos trabalhos, iniciou-se, em um primeiro momento, uma análise quantitativa do material.

De acordo com as pesquisas selecionadas, criamos uma tabela em ordem cronológica, contendo: título, ano, região do país, instituição, nome do(a) autor(a) e área de pesquisa. Partindo dessas informações, foi possível observar alguns padrões de cunho quantitativo. Algumas hipóteses sobre a motivação para o desenvolvimento dessas pesquisas foram levantadas e debatidas nesta sessão.

Já no espaço em que tratamos da análise dos recortes das teses e dissertações, utilizamos da Análise do Discurso como abordagem teórico-metodológica. Depois de realizar leituras dos textos selecionados, alguns recortes foram selecionados, com vistas a encontrar recorrências. Assim, subdividimos nossa análise em três categorias principais: representações de envelhecimento; representações da língua(gem); e dispersões. Em cada um desses tópicos,

buscamos, por meio da Análise do Discurso, mapear repetições sobre as representações de velhice e envelhecimento, bem como da língua. Durante a análise, emergiram aspectos que chamaram nossa atenção, os quais denominamos “dispersões” (Foucault, 2008) — elementos que, embora não apareçam com frequência, destacam-se por seus efeitos de sentido.

Após a seleção das teses e dissertações a serem analisadas, optou-se por restringir o estudo às seções de introdução e conclusão dos trabalhos. Essa decisão foi baseada em dois fatores principais: primeiro, o volume de pesquisas demandaria um tempo inviável para o desenvolvimento deste TCC; segundo, consideramos que, de maneira geral, as introduções e conclusões constituem as partes mais autorais dos gêneros acadêmicos analisados, uma vez que nelas os autores tendem a apresentar, respectivamente, as motivações que orientaram a escolha do tema e as conclusões alcançadas ao final do estudo. Desse modo, acreditamos que esse recorte nos permitiria rastrear as representações que delimitamos como objeto de novo estudo; quais sejam: velhice e língua. Após a captação das teses que compõem esta respectiva pesquisa, análises de cunho quantitativo e qualitativo foram desenvolvidas. Desse modo, tais análises serão divididas em duas etapas: análise quantitativa e observações históricas, análise das representações sobre envelhecimento e língua e suas dispersões.

Considerando a afirmação de Orlandi (2005, p.25), que diz: “[n]a perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”, partimos dessa concepção investigando regularidades comuns às teses e dissertações que compõem nosso *corpus*, buscando as representações sobre velhice e língua que tais trabalhos trazem em similaridade, e como seus enunciados funcionam de forma a demonstrar seus efeitos de sentido. Para além disso, observamos o que Foucault (2008) conceitua como dispersão: elementos que se destacam como desvios no campo discursivo, manifestando-se em nosso caso como componentes esparsos na constituição dos discursos analisados, mas que mantêm uma relação significativa com eles. A partir dessa dispersão, buscamos analisar como ela significa e os efeitos de sentido que podem ser concebidos a partir disso.

Com o propósito de organizar e elucidar nossa seleção para a pesquisa, desenvolvemos uma tabela (tabela 1), contendo as referências das teses utilizadas, além dos anos e regiões nas quais os trabalhos foram desenvolvidos.

TEXTO:	TÍTULO:	ANO:	REGIÃO:	INSTITUIÇÃO:	AUTOR(A):	ÁREA DE PESQUISA:
--------	---------	------	---------	--------------	-----------	-------------------

1	Inglês para terceira idade: investigando o contexto UnATI/UERJ visando à elaboração de materiais didáticos'	2014	Sudeste	UERJ	PAULO ROBERTO DE LIMA LOPES	Mestrado em LETRAS
2	TEMPO COGNITIVO E TEMPO SOCIAL NAS AULAS DE INGLÊS PARA A ENVELHESCÊNCIA E TERCEIRA IDADE'	2017	Nordeste	UFS	MARIA AUGUSTA ROCHA PORTO	Doutorado em EDUCAÇÃO
3	(Im)possibilidades de tomada da palavra em língua inglesa por alunos da terceira idade'	2017	Sudeste	UFU	STELLA FERREIRA MENEZES	Mestrado em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
4	ENSINO DE INGLÊS PARA A TERCEIRA IDADE: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O USO DO APLICATIVO QUIZLET'	2018	Sudeste	UNESP	VIVIAN NADIA RIBEIRO DE MORAES CARUZZO	Mestrado em LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA
5	“A GENTE JÁ CRESCEU MUITO”: DOS DES/ENCONTROS DA FORMAÇÃO DOCENTE INCLUSIVA AOS INDÍCIOS DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NO ENSINO DE INGLÊS PARA IDOSOS'	2020	Nordeste	UFPB	KARYNE SOARES DUARTE SILVEIRA	Doutorado em LINGÜÍSTICA
6	Línguas para fins específicos na UnATI/UERJ: investigando as estratégias de aprendizagem de inglês de adultos da terceira idade'	2021	Sudeste	UERJ	PAULO ROBERTO DE LIMA LOPES	Doutorado em LETRAS
7	MOVIMENTOS DE GIRO NO OLHAR SOBRE TORNAR-SE VELHO/A: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA/COM PESSOAS 60+'	2021	Centro-Oeste	UEG	DIONE UESTER COSTA SILVA	Mestrado em EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
8	FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS: UM OLHAR PARA O CONTEXTO DA PESSOA IDOSA E PARA O ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL'	2022	Sudeste	UFV	ALICE MENDES DUARTE	Mestrado em LETRAS
9	O ensino-aprendizagem remoto de inglês para a Terceira Idade mediado pelas tecnologias digitais: parâmetros humanos e técnicos'	2023	Sudeste	UNESP	VIVIAN NADIA RIBEIRO DE MORAES CARUZZO	Doutorado em LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA

10	O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA POR IDOSOS'	2023	Sudeste	UNASP	LUCIANE NAKASATO MADALENA FERRI	Mestrado Profissional em EDUCAÇÃO
----	--	------	---------	-------	---------------------------------	-----------------------------------

Tabela 1

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Observando os dados apresentados na tabela 1, alguns questionamentos emergem trazendo luz ao contexto histórico no qual as pesquisas foram redigidas. Nota-se que há a produção recorrente de pesquisas na área de ensino-aprendizagem de inglês voltado à terceira idade durante o período de 2013 a 2023, tendo em média aproximadamente 1,5 pesquisas publicadas por ano.

Ano	2014	2017	2018	2020	2021	2022	2023
Quantidade de Produções	1	2	1	1	2	1	2

Tabela 2

Fonte: elaborada pela autora (2024).

De acordo com pesquisas desenvolvidas em áreas como economia, observa-se que a partir do ano de 2004, novas políticas públicas surgem de forma a melhorar a qualidade de vida de populações mais pobres, e ampliar possibilidades não antes cogitadas por esses grupos marginalizados. Foi a partir desse ano que o país constatou um ‘boom’ econômico, o qual proporcionou emprego formal a grande parte dessa população, além do aumento de renda que transformou o até então trabalhador em também consumidor (Baltar, 2015).

Além disso, foi nesse período que algumas alterações foram feitas no plano de previdência da população aposentada, cujas alterações valorizavam consideravelmente essa aposentadoria dos trabalhadores. Atentando-se a esses aspectos, podemos considerar que com o aumento das oportunidades para a grande maioria da população, novas preocupações surgiram, como o ensino de línguas estrangeiras a pessoas mais velhas. Nesse momento da história, os indivíduos não somente começaram a ter um poder de compra maior, mas também iniciaram seus projetos para o futuro, engatando em sua aposentadoria, novos hobbies e interesses que antes não eram buscados, seja por falta de tempo, oportunidade ou dinheiro. Assim, é possível que novas perspectivas dessa população de classe média ou de baixa renda

tenham contribuído para que esses tópicos de pesquisa fossem considerados relevantes, tanto naquela época quanto atualmente, possibilitando discussões sobre as potencialidades e preocupações relacionadas ao ensino de inglês para idosos.

Para além das observações anteriores, outro fator interessante a se observar nos dados encontrados é o fato de que o período de maior produção de pesquisas foi durante o período de 2020 a 2023 (contendo 6 teses), período esse marcado pela pandemia decorrente do vírus nomeado como ‘SARS-CoV-2’, ou também, conhecido como ‘COVID-19’, que teve início durante o ano de 2019 na China, e acabou se alastrando para outros países, causando uma pandemia mundial no início de 2020. Durante o estágio de maior contágio da doença, governos ao redor do mundo estabeleceram que seus cidadãos permanecessem em casa, no chamado ‘lockdown’, ou seja, não era permitido o trânsito em lugares públicos, aglomerações, e era indicado evitar contato com outras pessoas, principalmente idosos, dado ao fato de crianças e idosos comporem um grupo de risco. Devido a tais medidas restritivas, encarou-se um novo aspecto apresentado ao mundo, o isolamento social. E devido ao risco de transmissão para os indivíduos da terceira idade, o isolamento dessas pessoas foi ainda mais extremo, agravando tanto questões de saúde física, quanto mental e de bem-estar (Dos Santos, 2021). A partir desse momento na história, grandes discussões acerca de saúde mental emergiram, o que nos traz ao contexto desta atual pesquisa.

Tendo em vista que “os idosos são vulneráveis às práticas de suicídio, à ansiedade e à depressão em virtude da sensação de desligamento social, do distanciamento físico e da impressão de perda de utilidade” (Santini *et al.*, 2020 *apud* Monteiro *et al.* p, 6057), refletimos sobre como o ensino de inglês poderia auxiliar no bem-estar do grupo de pessoas idosas e de que forma auxiliaria em seu envelhecimento saudável. À vista disso, a hipótese que surge a partir desta observação é que, em busca de desenvolver projetos já propostos antes da pandemia, novos estudos surgem para incluir os alunos idosos neste processo de ensino-aprendizagem remota. Tal hipótese é reforçada ao desenvolver da análise qualitativa, sendo possível notar que todos os trabalhos a partir do ano de 2020, tiveram motivações, objetivos e justificativas voltadas ao contexto pandêmico e de ensino remoto.

4. ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

Nesta seção, buscaremos identificar representações sobre velhice e língua a partir dos trabalhos acadêmicos observados. A análise será desenvolvida de forma a compreender quais os enunciados presentes nos discursos que partem do contexto de ensino-aprendizagem de LE para idosos, e quais as regularidades presentes nessas investigações.

4.1. Representações da velhice

Tratando-se de pesquisas na área de ensino-aprendizagem de Inglês para idosos, parece ser uma preocupação recorrente nas pesquisas o aumento populacional de pessoas na terceira idade. Parte majoritária dos trabalhos observados produzem enunciados que demonstram essa preocupação pela utilização de determinados termos. Vejamos a seguir:

Recorte 1

O fator motivador desta tese foi a necessidade de se pensar na formação de professores de inglês para **lidar** com o público envelhescente e da terceira idade, visto que, em 2025, segundo as previsões demográficas do IBGE, teremos mais idosos do que jovens, o que causará a inversão da pirâmide etária brasileira. (Porto, 2017, p. 95, grifo meu)

Recorte 2

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019, on-line), “[...] em 2043, um quarto da população deverá ter mais de 60 anos, enquanto a proporção de jovens até 14 anos será de apenas 16,3%.”. Esse fato reforça a relevância e **urgência** de promovermos oportunidades de uma melhor qualidade de vida a essa população em todos os âmbitos, dentre os quais destaco

a educação, e, mais especificamente, como propõe esta pesquisa, a área de formação de professores. (Silveira, 2020, p. 20, grifo meu)

Recorte 3

Farias, Souza e Santos (2019, p. 02) informam que o Brasil vem **sofrendo** um “envelhecimento populacional”, seguindo o “panorama social de diversos países pelo mundo. (Ferri, 2023, p. 16, grifo meu)

No recorte 1, chama a atenção a utilização do verbo “lidar”. Buscando seu significado, temos como resultado as seguintes definições:

1. transitivo indireto

ter trato, ocupar-se de.

2. intransitivo

lutar em batalha, duelo; pelear.

Partindo dessas definições, podemos notar um receio em relação ao envelhecimento populacional, algo como uma necessidade de tratamento desse caso. Quando pensamos na palavra “lidar” nesse enunciado, temos algumas maneiras de como ela significa, emanando sentidos, como a necessidade de formação dos professores para o controle desse grupo de pessoas, de forma a se ocupar para “dar um trato” nesse conjunto de pessoas. Além disso, a escolha da palavra ‘lidar’ remete ao sentimento de “peleja”, como se o ensino para pessoas mais velhas fosse algo pesado, como um desafio tortuoso.

Já no recorte 2, a palavra que se destaca ao enunciado é o termo “urgência”. Considerando o contexto capitalista e as demandas da globalização sendo direcionadas aos indivíduos sociais, a utilização do termo urgência representa, por meio de seus efeitos de sentido, o processo de envelhecimento da população como uma situação grave, em que as demandas da sociedade não se regulam à velocidade com a qual a população envelhece. Retomando as reflexões de Silva (2008, p. 127) em nossos fundamentos teóricos, compreende-se que o conceito de velhice surge no mesmo período do modelo de sociedade capitalista industrial, por volta do século XIX, reforçando os estigmas do idoso como indivíduo improdutivo para a sociedade. Portanto, quando pensamos no termo “urgência” nesse contexto, emana-se o sentido de preocupação com o envelhecimento populacional, relacionado a questões de produção e mão-de-obra hábil, derivados da cultura capitalista de descarte do que é “obsoleto”, e valorização do que supera o antigo e velho (Tavares; Menezes, 2020, p. 24).

A partir do termo em destaque no recorte 3, podemos ver que, dentro dos estudos nessa área, ainda existem representações da velhice como algo relacionado à deficiência e doença, partindo da esfera do interdiscurso, em que significa, mesmo sem querer significar (Brandão, 2009). Em nossas pesquisas, o termo “sofrer” aparece recorrentemente atrelado à doença, sintomas e dor física ou moral. Sendo assim, tal termo materializa uma representação da velhice como aquela que deteriora, que limita e que impossibilita.

Tal representação de velhice como algo limitante e determinante também está presente em outros trechos ao longo de nosso *corpus*, observemos a seguir:

Recorte 4

A dimensão cognitiva, por sua vez, depende de processos fisiológicos, que, por conta do processo natural do envelhecimento, são afetados. Assim, atividades mentais, como ver, entender, lembrar e resolver problemas são afetados pelas degenerações causadas pela chegada da idade. Nesse sentido, o tempo cognitivo envolve a relação com a linguagem e está ligada a processos fisiológicos que influenciam o aprendizado de uma língua (Porto, 2017, p. 17)

Recorte 5

Diante do aceleramento do digital, uma parcela da população, os idosos, se viu obrigada a aderir a essa nova condição, foi um dos grupos mais resistentes à tecnologia, seja pela condição material ou pela condição cognitiva (SALES; AMARAL; JUNIOR; SALES, 2014) (Ferri, 2023, p. 16)

A partir dos três recortes acima, vislumbramos representações da velhice que reforçam os estigmas da sociedade para com o sujeito idoso, que é limitado ao seu corpo e seu espaço do não ser. Quando observamos os discursos acima, notamos que a velhice parece ser limitada já em sua nomenclatura. Ao observar o enunciado “ver, entender, lembrar e resolver problemas são afetados pelas degenerações causadas pela chegada da idade” (Recorte 4, Porto, 2017, p. 17), verificamos uma visão do envelhecer como algo intrínseco e determinante ao ser humano, ignorando o aspecto subjetivo de se tornar velho. Abordando o expressado por Beauvoir (1990, p. 14), entendemos que “a velhice é vivida da posição particular possível a cada sujeito, atravessado pela sua historicidade e subjetividade”. Posto isso, os efeitos de sentidos que são

emanados desse discurso apresentam uma representação de velhice inexorável ao indivíduo, como se o sujeito estivesse “condenado” à velhice, sem possibilidade de viver esse período de outras maneiras.

Outro enunciado que traz uma visão de velhice limitante fala sobre o idoso e sua relação com as tecnologias digitais. No recorte 5, temos a relação da terceira idade com a tecnologia de forma limitada, “seja pela condição material ou pela condição cognitiva (SALES; AMARAL; JUNIOR; SALES, 2014)” (Recorte 5, Ferri, 2023, p. 16). Em face do que verificamos em nosso referencial teórico, entendemos que o “status” social do indivíduo velho declina em virtude da modernização da sociedade (Neri, 2013, p. 19). Alinhado com os estudos da autora, observamos que, com o avanço da adoção de novas tecnologias, os conhecimentos e capacidades dos idosos passam a ser percebidos como obsoletos, contrariamente aos jovens, que começam a ser supervalorizados, funcionando de maneira a rebaixar o “status”, influência, autoconceito e envolvimento social do idoso. Tal “status” seria o que concebemos como “representação”. Sendo assim, quando se diz que o indivíduo é percebido como resistente à tecnologia, compreende-se que esse indivíduo passa por esse processo de rebaixamento e autoconceito em que seus conhecimentos passam por uma degradação, colocando o idoso em uma posição do não ser/pertencer, ou seja, a resistência percebida não é correlata a incapacidade estereotipada desse grupo se apossar das tecnologias digitais, mas sim de uma visão de velhice como não pertencente ao moderno; à parte do convívio social.

Para além dos elementos destacados nos recortes acima, reforçamos o efeito do não-dito sobre a subjetividade dos indivíduos idosos. Tal qual observado por Orlandi (1992, *apud* Andrade, 2016, p. 70), Andrade destaca que

o silêncio é sempre significativo, seja ele efeito de um não-dito, de uma censura ... ou de um apagamento de outros sentidos, uma vez que uma palavra ocupa o espaço necessariamente de outras que não foram ditas e, por isso, emergem desse "silêncio" outras possibilidades de sentido que se tenta conter.

Portanto, compreendendo que a falta de um dizer também pode significar, selecionamos recortes de textos que abordam questões de subjetividade para observar como os discursos podem se distinguir desta generalização da velhice, e como a presença de um discurso afeta na representação da velhice. Vejamos a seguir:

Recorte 6

por mais comunicativa que uma atividade parecesse ser, não havia garantia de que os alunos se engajassem e se sentissem tomados

pela palavra nessa LE, visto que cada educando é singular. Logo, sempre haverá algo da ordem da subjetividade, além dos aspectos linguísticos e pedagógicos, na relação desses sujeitos com o objeto de saber em jogo - nesse caso, a Língua Inglesa. (Menezes, 2017, p. 15)

Recorte 7

As contingências presentes na sala de aula mostram que considerar nas metodologias e abordagens o processo de ensino-aprendizagem como algo generalizante e indistintamente abrangente não é suficiente, visto que cada aluno é atravessado pela subjetividade. Ele pode ou não se deixar ser tomado pela palavra e tomá-la, a partir daí. (Menezes, 2017, p. 17)

Recorte 8

A compreensão da velhice como uma experiência heterogênea (em razão de características genéticas, culturais e sociais de cada indivíduo) representa, provavelmente um dos maiores avanços conceituais da Gerontologia nos últimos anos e foi o que percebi a partir dos encontros com os idosos (PEREIRA, 2009). Na UAMA, tive a oportunidade de compreender que velhice (ou terceira idade) retrata não apenas uma fase da vida marcada cronologicamente, mas, para além disso, uma fase marcada por desejos de ser, fazer, aprender e realizar sonhos, como o aprendizado do inglês. (Silveira, 2020, p. 20)

Quando pensamos na representação da velhice que concebe o indivíduo idoso como aquele incapaz, observa-se o reforço dos estereótipos e preconceitos referentes a esse grupo. Sob a justificativa patológica, “a singularidade, a subjetividade e a qualidade humana na velhice são apagadas sob o estereótipo do corpo danificado, do corpo fragilizado, do corpo que precisa de cuidados. O velho não é visto pela sua história, pela experiência vivida.” (Cândido Júnior; Conceição; Frank, 2020, p. 61). De forma a desumanizar o sujeito velho, esses conceitos são reforçados repetidamente, transformando esse ser em um constante incapaz; aquele que não faz parte, que não se encaixa. Entretanto, quando Menezes (Recorte 6, 2017, p. 15), afirma que “sempre haverá algo da ordem da subjetividade, além dos aspectos linguísticos e pedagógicos, na relação desses sujeitos com o objeto de saber em jogo”, reforça

um ideal de indivíduo subjetivo, com vontades e desejos pessoais. Tal discurso diverge da visão da velhice como patológica, que é caracterizada pela perda motora e cognitiva, à mídia que reforça estereótipos em que o idoso é sempre representado como aquele indivíduo fraco, com pouca visão e audição, que depende de outros para seus cuidados. Pizzolato (2008, p. 239) explica que

envelhecer, para todas as pessoas de um modo geral, significa entrar em declínio físico e mental. Como mencionamos anteriormente, grande parte dessa crença deve-se à mídia, sobretudo à televisão e às revistas femininas que divulgam massivamente uma imagem da juventude como sendo a representação física e verdadeira da plenitude humana.

Essa representação de velhice a partir de sua subjetividade também aparece no recorte 7, em que Menezes (2017) apresenta a possibilidade (ou impossibilidade) de tomada de palavra desse aluno atravessado por sua subjetividade. Tal afirmação discursiviza o idoso como aquele capaz dessa tomada de palavra a partir de seus interesses e vivências, tirando esse sujeito de uma posição passiva do que o cerca, colocando em um lugar de escolhas e preferências; ou seja de agência.

Permanecendo no tópico de subjetividades, investigamos o texto de Lopes (Recorte 9, 2021, p. 196) que se vincula ao que notamos como presente em parte minoritária do *corpus*, a questão do desejo.

Recorte 9

Em relação, ao conteúdo, além de observar a relevância dos assuntos abordados para a vida dos aprendizes, é importante desconstruir estigmas e preconceitos acerca da figura do idoso, abordando temas que normalmente não são associados ao público da terceira idade, como trabalho e namoro. (Lopes, 2021, p. 196)

Recorte 10

As pesquisas mencionadas não levaram em consideração o desejo do aluno na Terceira Idade em estar estudando uma LE, tampouco que a subjetividade de tais discentes pode atravessar (e ser atravessada) durante os processos de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, afetar o modo como cada estudante toma ou não a palavra na Língua Estrangeira. (Menezes, 2017, p. 18)

De acordo com Brandão (2009, p. 29), para a Análise do Discurso, o sujeito é aquele constituído por diferentes vozes sociais e marcado pela heterogeneidade e conflitos, em que “resultam de uma ligação da ideologia, inscrita histórico-socialmente, com o inconsciente, que dá vazão à manifestação do desejo”. Ou seja, para a AD o sujeito é composto de diversos discursos passados que se inter-relacionam de forma histórica-ideológica, se concretizam por meio da linguagem, mas se tornam subjetivos a partir da inscrição do desejo desse sujeito. Sendo assim, quando pensamos no discurso presente nos textos de Lopes (Recorte 9, 2021, p. 196) e Menezes (2017, p.18), observamos uma visão de velhice pouco representada nos trabalhos, a velhice em fuga dos estereótipos.

Retomando a fala de Andrade (2016, p. 70), “o silêncio produz efeitos de sentido pela relação "presença-ausência" de um significante”. Portanto, quando observamos a abordagem deste tópico ausente em parte majoritária dos trabalhos, notamos essa presença-ausência de um discurso que constitui o ser idoso como desqualificado a diferentes prazeres da vida. Quando investigamos essa persistência de um discurso que classifica o idoso como apto somente à atividades estereotipadas da idade, como costura, pintura, hidroginástica, limitamos esse determinado grupo partindo da imposição, ou persistência, de um discurso preconceituoso e restritivo. A partir do momento em que as peculiaridades e desejos dos sujeitos constituintes desse grupo são reprimidos, corre-se o risco de alienação do discurso que compreende os espaços pertencentes a essa parte da sociedade, empobrecendo as possibilidades que se teria ao considerar esse sujeito como participante ativo, passível de prazeres profissionais, amorosos, sexuais, etc.

4.1.1. Dispersão: “envelhescência”

Trazendo à luz de nossas investigações, encaramos um novo termo descrevendo a velhice. Confrontando a lente que percepção a terceira idade como incapaz, notamos uma nova tentativa de fuga à essa noção de velhice por meio de um novo modo de tratamento: a envelhescência. Tal termo aparece em dois dos dez trabalhos que compõem o *corpus* da investigação, e chamando nossa atenção, decidimos investigar, *a priori*, por conta do estranhamento ao observar o termo pela primeira vez. Ao mergulharmos em nossa investigação, encontramos efeitos de sentido que significam de maneira a tentar posicionar o indivíduo velho em um novo lugar de fala e ser.

Para este tópico, consideramos a envelhescência uma dispersão devido a recorrências específicas dentro do grupo dos trabalhos organizados, aparecendo somente em dois, dos dez

trabalhos observados. Partindo de nossos estudos, entendemos que a dispersão compreende-se dentro da unidade do discurso, derivando um conjunto de enunciados que são produzidos dentro dessa dispersão de acontecimentos discursivos, na qual observamos a partir do questionamento: por que a utilização deste determinado enunciado e não outro em seu lugar? (Brandão, 2009, p. 16) Levando isso em consideração, julgamos válido uma observação mais aprofundada sobre a utilização do conceito de envelhescência a substituir a noção de velhice e terceira idade, e como essa alteração de termo afetaria os possíveis efeitos de sentido e representação da velhice.

Principiando essa investigação, tornou-se necessário uma averiguação do que outras pesquisas concebiam como envelhescência. Após uma breve pesquisa utilizando a ferramenta “google scholar”, encontramos dois trabalhos que abordam as noções de envelhescência, sendo estes o artigo de José Bancaleiro (2011) e o livro de Carlos Araujo Carujo (2022). Ambos os trabalhos concebem o termo como aquele que abrange as pessoas entre 50 e 70 anos, fase que explicam ser a “adolescência da velhice”. Além disso, explicitam também que o termo serve como nova chance de visualizar a velhice, indo de encontro às noções retrógradas do que seria envelhecer e tornar-se a temida imagem do vovô e vovó clássicos. Partindo desse ponto, elencamos como necessária a concepção do que seria adolescência e como a adição do sufixo “escente” ao processo de envelhecimento contribui para uma nova concepção do que seria a velhice.

De acordo com Palácios (1995, p. 263), a adolescência não é uma fase natural e bem delimitada do ser humano, na verdade, a adolescência, de acordo com a psicanálise, é considerada uma tempo de concepção subjetiva e que, por volta dos 12-13 anos, o indivíduo já não é mais considerado criança, mas ainda não possui o *status* de adulto. Conforme Erikson (1968, *apud* Palácios, 1995, p. 263), essa fase seria considerada uma “moratória social”, ou seja, um período em que a sociedade permite esse tempo aos seus jovens membros para que desenvolvam uma maturação para o exercício de papéis adultos. Essa moratória seria, de acordo com o autor, um produto do nosso século, partindo de padrões sociais, e não biológicos do ser humano, para isso, diferencia-se adolescência e puberdade. Puberdade seriam as mudanças físicas do corpo infantil na segunda década de sua vida, onde o corpo muda ao ponto de tornar-se apto a reprodução. Já a adolescência seria o período psico-sociológico de transição entre infância e adultez (Palácios, 1995, p. 265). Diferenciando os dois aspectos notamos que a puberdade é um fenômeno universal convergente em todos os membros de nossa espécie, sendo essa uma parte essencial de nosso desenvolvimento, e a adolescência, por se tratar de um fenômeno psico-sociológico, não é necessariamente universal, sendo originada nos períodos de

revolução industrial, configura-se um produto do nosso modelo de sociedade e tempo, variando entre sociedades ocidentais e orientais.

Recuperando algumas reflexões feitas em nossa fundamentação teórica, constatamos que as noções de adolescência e velhice se assemelham tanto em período de surgimento quanto em estrutura. Ambas surgem durante o estágio da primeira revolução industrial e ambas se configuram como noções psico-sociológicas, em que não possuem aspectos bem delimitados, e as observamos como construções sociais, variando de acordo com determinadas sociedades. Destacando tais fatores, alguns questionamentos guiam essa análise: a. quais aspectos convergem/distanciam a adolescência da velhice? e b. como a relação entre a adolescência pode auxiliar em uma nova visão sobre a velhice?

Proveniente dessas inquietações, destacamos alguns fatores que divergem entre adolescência e velhice. De forma a iniciar esta investigação, evidenciamos como o período da adolescência é um período marcado, no/pelo imaginário social, por expectativas, perspectivas e anseios, o que não notamos na construção do imaginário sobre a velhice. A adolescência é construída enquanto uma nova perspectiva de vida, em que o jovem começa a ansiar por novas oportunidades, e a sociedade começa a apresentar essas novas oportunidades, como trabalho, estudos e família. Já na velhice, observamos construções contrárias. É um período comumente discursivizado por uma visão que possui padrões degenerativos. Ao contrário do adolescente, o indivíduo idoso é marcado como aquele próximo a morte, que não possui direito a novas perspectivas e oportunidades. Quando retomamos a ideia de velhice próxima a morte em nossas observações, notamos-lhe uma visão ingênua sobre a vida, levando em consideração que o viver é um constante processo de morrer, considerando que a morte não se restringe somente à velhice, mas basta a quem vive.

Em adição, identificamos similaridade em relação aos modos de tratamento entre velhice e adolescência. Palácios (1995, p. 264) explica que a adolescência é marcada por uma alteração no comportamento da criança, em que torna-se mais rebelde, mais questionadora e indisciplinada. Quando pensamos no tratamento da velhice, certamente já escutamos o dizer: “nossa, mas esse idoso tá parecendo criança!”. Portanto, quando pensamos na relação entre adolescência e velhice, temos uma linha tênue entre os modos de tratamento que as pessoas pertencentes desse grupo tendem a lidar. Quando o sujeito começa a envelhecer, passa por um processo de subversão em que agora passa a ser cuidado, e não mais o cuidador, e seu tratamento pode mudar de forma a se assemelhar ao cuidado de uma criança, em que, agora não pode mais ter sua liberdade como antes, comprometendo sua maioridade por conta de sua infantilização e a ideia de degradação cognitiva motora. Levando em consideração os aspectos

apresentados anteriormente, partimos para uma observação atenta ao termo “envelhescência” e como esse termo significa dentro dos recortes selecionados.

Recorte 11

amplia a compreensão de envelhecimento como um processo iniciado numa faixa etária ainda anterior, denominando de envelhescente a pessoa entre 45 e 59 anos e de terceira idade aquela a partir dos 60 anos. (Silveira, 2020, p. 19)

Recorte 12

Os envelhescentes e pessoas da terceira idade de hoje desejam ressignificar suas vidas, com atividades diferentes, dentre elas o aprendizado de uma língua estrangeira, como o inglês. (Porto, 2017, p. 15)

Em sua morfologia, temos a junção da palavra envelhecer + o sufixo “scência” (ou scente para tratar do indivíduo). Tal sufixo advém da palavra adolescente e a conexão entre adolescência e envelhecimento. Desta maneira, surge neste novo termo a tentativa de ressignificar a visão do processo de envelhecer. No recorte 12, a autora apresenta o discurso da envelhescência reforçando essa ressignificação do processo de envelhecimento a partir da prática de atividades diferentes como o estudo da língua inglesa. Tendo observado os aspectos anteriores, compreendemos que a adolescência auxilia neste processo de forma a abrir mais possibilidades ao indivíduo envelhescente. Considerando o adolescente aquele que é representado como quem tem oportunidades e perspectivas, além de energia e disposição, o envelhescente produz efeitos de sentido de abertura a possibilidades, revogando a representação de velhice como atrelada ao fim da vida e limitada a patologia. Além disso, o termo revoga em sua nomenclatura a ideia de infantilização, impondo a disposição e autonomia daquele indivíduo, demonstrando que o indivíduo envelhescente possui a capacidade de se manter ativo tanto cognitivamente quanto de forma motora. Portanto, o termo envelhescência presente nos trabalhos produz efeitos de sentido que em sua utilização tomam em seu discurso uma nova ideologia sobre o processo de envelhecimento, expandindo suas percepções e suas possibilidades.

4.2. Representações de língua(gem)

Quando tratamos sobre as representações da língua e da linguagem observados dentro de nosso *corpus*, encontramos alguns padrões que nortearam esta seção, sendo estes: língua como identidade, língua como mediadora e ferramenta de inclusão, além da visão de língua como ferramenta do envelhecimento saudável. Todos esses discursos emanam diferentes formas de sentido, vejamos a seguir:

Recorte 13

No momento em que o sujeito se vê tomado pela palavra, os efeitos da subjetivação pela linguagem passam a vigorar, e ele, então, consegue se apropriar da língua e tomar a palavra. (Menezes, 2017, p. 16)

Recorte 14

Acredito que o processo de ensino-aprendizagem de línguas é de extrema valia na inserção social de qualquer pessoa, pois, à medida que vivemos em um mundo mediado pela linguagem, a possibilidade de mediar essa relação via outra língua, diferente da materna, amplia o escopo pelo qual representamos o que construímos como realidade. (Menezes, 2017, p. 18)

Recorte 15

Acredito que essa ampliação de saberes e o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas não só em língua materna, mas também em línguas estrangeiras contribui para a autoestima do próprio idoso e para sua imagem perante a sociedade. (Silveira, 2020, p. 19)

Recuperando as reflexões de Andrade (Pêcheux, 1997 *apud* 2016, p. 58), compreendemos que todo sujeito inserido dentro do discurso estará sempre integrado em um determinado espaço histórico-social, ou seja, estará imerso nas formações ideológicas, além de subjugado as relações de poder, formando representações de identidade inconscientes ao indivíduo, estruturando a visão de si a partir do “discurso-outro”. Essa ideia de discurso-outro

compreende o sujeito inconsciente, que se constrói na/pela visão do outro para a concepção de sua própria identidade. Portanto, quando Menezes (Recorte 11, 2017, p. 16) apresenta em seu texto a afirmação: “os efeitos da subjetivação pela linguagem passam a vigorar, e ele, então, consegue se apropriar da língua e tomar a palavra.”, representa-se a posição do sujeito além da visão-outro, que partindo de sua subjetividade, utiliza do discurso-outro para apropriação da língua.

Outrossim, também observamos em nosso *corpus* uma representação de língua como ferramenta de auto-estima. Retomando a reflexão de Peixoto (2017, p. 127) sobre Foucault (1997), percebemos que “o olhar do outro que a lê e que, portanto, a interpreta, é o mesmo que também violenta (FOUCAULT, 1997), pois é o outro que lê o seu corpo e que lhe impõe os modos de se relacionar com ele”. Partindo dessas considerações, percebemos que na tomada da língua inglesa tem-se a ideia de revogação sobre as representações de velhice como antiquada e obsoleta, ressignificando o olhar sobre o idoso a partir da língua. Portanto, quando diz-se “ampliação de saberes e o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas não só em língua materna, mas também em línguas estrangeiras contribui para a autoestima do próprio idoso e para sua imagem perante a sociedade.” (Recorte 13, Silveira, 2020, p. 19), identificamos como a língua é representada como uma ferramenta de modos em que o sujeito pode se relacionar com o mundo, e subvergir a visão de si perante a sociedade, seja impactando em seu bem-estar, ou reforçando sua auto-estima.

Recorte 16

Não obstante, a latente possibilidade do ensino/aprendizagem, alia-se à esta possibilidade, à “inclusão e o letramento digital”, elementos estes que contribuem para uma sociedade mais **capaz** (JOAQUIM; OLIVEIRA; PESCE, 2021) (Ferri, 2023, p. 17, grifo meu)

Recorte 17

O projeto LETI tem por objetivo integrar o adulto da terceira idade à comunidade acadêmica, e consequentemente, à sociedade, através da criação de um espaço de aprendizagem que seja prazeroso para ele. (Lopes, 2021, p. 17)

Outro padrão que encontramos sobre a representação de língua e linguagem dentro do contexto de ensino-aprendizagem de inglês para idosos foi a representação da língua como

forma de inclusão. Logo no recorte 14, observamos um discurso atrelado ao que referimos na análise sobre as representações de velhice, neste caso, entrelaçando velhice e língua, sobre uma visão de sociedade de produção e consumo, onde o antigo não se encaixa, e a língua pode funcionar de forma a incluir esse indivíduo e torná-lo mais “capaz”. Neste caso, essa representação parte de um espaço do não ser, em que o indivíduo não é “capaz”, e desta língua parte de um negativo, de um espaço que o sujeito não é para o que deseja ser (Rosa; Rondelli; Peixoto, 2015, p. 259). Ainda nos apoiando sobre as reflexões da autora, relacionamos nossas observações sobre o que ela explica ser o desejo de gozar como o outro, ocupar o lugar deste outro, ou seja, considerando o momento sócio-histórico em que vivemos, visualizamos que esse desejo pela língua estrangeira parte do desejo de viver como o outro, e relacionando ambas as pesquisas, nota-se como a língua torna-se uma representação das promessas que nossa sociedade anuncia, de forma a tentar ocupar um espaço ocupando as demandas sociais.

Em relação ao recorte 15, também notamos a representação de língua como oportunidade, em que o autor destaca como o aprendizado da língua seria uma chance de reinserção do idoso na sociedade. Entretanto, quando refletimos sobre os efeitos de sentido que podem ser percebidos nesse discurso, percebemos como os efeitos da globalização e da supremacia da língua inglesa criam um discurso ideológico sobre as possibilidades oferecidas por essa língua (Brandão, 2009, p. 15). Tal afirmação reforça uma representação de língua como meio de se transitar entre poderes na sociedade, quando notamos que os poderes são estabelecidos a partir da polifonia de discursos que representam aquele sujeito. Logo, o sujeito não possui poder sobre a percepção própria perante o outro, mas na verdade, o processo é invertido, em que sua percepção surge a partir desta visão do outro.

5. CONCLUSÃO

Buscando responder às perguntas norteadoras vistas previamente, desenvolvemos uma pesquisa de cunho quanti-qualitativa recorrendo ao método teórico-metodológico de Análise do Discurso. Foram mapeadas dez pesquisas na área de ensino-aprendizagem de língua inglesa para idosos, durante o período de 2013 a 2023, delimitadas nas áreas de Linguística, Linguística Aplicada, Educação e Letras. Derivando destes processos metodológicos, foram estabelecidos dois grupos de representação e uma dispersão. Buscando encontrar discursos que tratavam sobre o envelhecimento, determinamos o primeiro grupo de representação sendo sobre velhice. Em nossas buscas, descobrimos ser parte de um discurso recorrente a preocupação com o aumento populacional do grupo de indivíduos idosos. Tomamos como efeito de sentido desse discurso o fato de o envelhecimento populacional ser constantemente relacionado a palavras de preocupação e urgência, devido à concepção de envelhecimento como decadência, transformando o sujeito em inútil perante a sociedade capitalista na qual esses sujeitos se inserem.

Além deste padrão, notamos também uma persistente aparição de enunciados que abordaram discursos que colocavam a velhice em posição do não-ser, reforçando estigmas e ignorando as possibilidades e aspectos subjetivos dos indivíduos pertencentes à essa faixa etária. Dentro desta perspectiva, destacamos essa posição do ser idoso em um espaço do não ser, em que o sujeito não é notado como completo em suas habilidades, onde parece sempre haver um desaparecimento de seu ser, assim, compreendemos que partindo desses discursos temos uma representação de velhice como aquele que se ausenta já em sua nomenclatura; que não possui a capacidade de estar presente quando visto pela perspectiva do outro.

Ainda dentro deste grupo de representação, também destacamos a presença do silêncio. Salientamos durante essa análise a ausência de fuga dos estigmas dentro dos trabalhos observados, em que apenas poucos dos trabalhos abordavam essa visão de velhice em fuga dos estereótipos, em que a velhice é caracterizada por assuntos não normalmente relacionados à terceira idade. Partindo disso, entendemos que existe uma representação de velhice constantemente atrelada a estas atividades dedicadas somente a esse grupo, como costura, bordados, pintura, etc., quando na verdade há a desatenção por tópicos que podem interessar esse grupo, como relacionamentos, trabalho, etc.

Tratando sobre a dispersão apresentada em nossas investigações, observamos a presença do termo “envelhescente” em dois dos trabalhos observados. A partir do

estranhamento desse termo, desenvolvemos observações sobre as formas pelas quais esse termo pode significar, e quais efeitos de sentido esse termo emana. Sendo assim, como esse termo afeta em uma nova representação sobre o que seria a velhice e o processo de envelhecimento

Em nosso segundo grupo de representações, determinamos nossa análise para a observação de representações de língua(gem) dentro de nosso *corpus*. Ao longo de nossas buscas, descobrimos que os textos abordam a língua(gem) por uma perspectiva de identidade e ferramenta, ou seja, toma-se a língua como aquela responsável pela concepção e autoestima do indivíduo partindo do discurso outro. Além disso, toma-se a língua como aquela em que auxilia em um processo de inclusão desse indivíduo idoso em uma sociedade globalizada. Para além disso, os trabalhos também utilizam do discurso sobre língua(gem) como tentativa de envelhecimento saudável. Considerando tais discursos, entendemos que os mesmos emanam efeitos de sentido de uma perspectiva da língua(gem) como possibilidade de transição de poderes em nossa sociedade, tomando em consideração a supremacia da língua inglesa e auto-concepção a partir do sujeito-outro.

Considerando as ponderações apresentadas anteriormente, entendemos que essa pesquisa se faz relevante ao que tange pesquisas de ensino-aprendizagem de língua inglesa voltada ao público idoso, pois mesmo que recorrente, ainda possuímos investigações a serem desenvolvidas sobre o assunto. Em nossas reflexões finais, entendemos que esta pesquisa auxilia na compreensão das formas de representações sobre velhice e língua presentes em nossas pesquisas nacionais, e como tais representações podem afetar ou auxiliar no desenvolvimento dessas pesquisas. Desta forma, sugerimos a continuação desta pesquisa ampliando nosso campo de pesquisa para uma maior quantidade de trabalhos, considerando o ambiente na qual as pesquisas foram desenvolvidas, e também a forma como gênero e classe social podem afetar no desenvolvimento de tais investigações.

Por fim, destacamos também, a expectativa de um maior aprofundamento teórico-metodológico deste tópico posteriormente, impossibilitado no momento devido às dimensões propostas na atual pesquisa, tendo em vista ser a produção de uma monografia de graduação. Em síntese, consideramos as propostas do presente trabalho válidas como uma impulsão inicial para o desenvolvimento de pesquisas futuras neste âmbito de pesquisa, buscando sempre expandir as expectativas e possibilidades para um grupo que muitas vezes é invisibilizado.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Miriam. **Envelhescência: um fenômeno da modernidade à luz da psicanálise.** *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 203-206, abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000100018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2024.

ANDRADE, Eliane Righi De. **O papel das representações do idoso em livros didáticos de inglês na formação das identidades.** In: (Des)construindo verdade(s) no/pelo material didático: discurso; identidade; ensino. Brasil: [s.n.], 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa; dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira;** coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. — 7^a. ed. — Curitiba : Ed. Positivo ; 2008.

BALTAR, Paulo. **Crescimento da economia e mercado de trabalho no Brasil** (Texto para discussão Núm. 2036). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2015. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_2036.pdf. Acesso em: 2024.

BANCALEIRO, José. **Envelhescência.** *Sol*, 17 dez. 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP; Editora Unicamp; 2009. 117 p.

CÂNDIDO JÚNIOR, A.; CONCEIÇÃO, M. P.; FRANK, H. **Aprendizagem de língua estrangeira na terceira idade: marcas identitárias e representações sociais acerca do idoso.** In: TAVARES, C. N. V.; MENEZES, S. F. (Org.). *Envelhecimento e modos de ensino-aprendizagem.* Uberlândia: EDUFU, 2020. p. 64-83.

CARUJO, Carlos Araujo. **Envelhescência**. Clube de Autores, 2022.

DOS SANTOS, Marcela Isabel Canas Simões. **O Impacto do Isolamento Social durante a pandemia por COVID-19 na Saúde Mental do Idoso: da evidência à prática**. Dissertação de Mestrado. Instituto Politecnico de Viseu (Portugal). 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MONTEIRO, I. V. de L.; DE FIGUEIREDO, J. F. C.; CAYANA, E. G. **Idosos e saúde mental: impactos da pandemia COVID-19 / Elderly and health mental: impacts of the COVID-19 pandemic**. Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 4, n. 2, 2021.

NERI, Anita Liberalesso. **Conceitos e teorias sobre o envelhecimento**. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional*. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 17-42.

Oliveira, K. L. D., Santos, A. A. A. D., Cruvinel, M., & Néri, A. L. . **Relação entre ansiedade, depressão e desesperança entre grupos de idosos**. *Psicologia em estudo*, 11, 2006. 351-359.

PALACIOS, Jesús. **O que é a adolescência**. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 263-272.

PEIXOTO, Mariana Rafaela Batista Silva. **A língua inglesa no terceiro setor: adolescência, gênero e vulnerabilidade social no confronto com a língua-cultura do outro**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

PIZZOLATTO, Carlos Eduardo. **A sala de aula de língua estrangeira com adultos da terceira idade**. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; BASSO, Edcleia Aparecida (org.). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 237-255.

ROSA, Marluza T. DA; RONDELLI, Daniella RUBBO R.; PEIXOTO, Mariana BS.

Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada:(du) elos e (des) caminhos. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 31, n. spe, p. 253-281, 2015.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. História, ciências, saúde-Manguinhos, v. 15, p. 155-168, 2008.

TAVARES, Carla Nunes Vieira; MENEZES, Stella Ferreira (org.). ***Envelhecimento e modos de ensino-aprendizagem***. Uberlândia: EDUFU, 2020.